



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6459 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT04 - Didática

RELAÇÃO PROFESSOR-ESTUDANTES NO CURSO DE LETRAS VERNÁCULAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Marinalva Lopes Ribeiro - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

RELAÇÃO PROFESSOR-ESTUDANTES NO CURSO DE LETRAS VERNÁCULAS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

1 INTRODUÇÃO

A relação que se estabelece entre professores e estudantes na Educação Superior pode favorecer ou dificultar o processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, além do conhecimento teórico, o docente necessita dominar uma série de saberes, incluindo aqueles do domínio afetivo, da ética e da ciência pedagógica, a fim de possibilitar que os estudantes construam aprendizagens significativas para suas vidas pessoais e profissionais. Neste sentido, o docente pode utilizar a Didática para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, adotando uma postura dialógica auxiliada por estratégias estimuladoras da construção do conhecimento (ESPÍRITO SANTO; LUZ, 2013).

Todavia, alguns docentes centram-se no ensino de conteúdos específicos e não aprofundam a formação de valores na sala de aula (SOUZA, 2016). Já para muitos estudantes, de acordo com Soares *et al.* (2016), o professor usa técnicas que não contemplam suas formas de aprender, o que pode resultar em dificuldades e desinteresse pelos assuntos.

Diante dessa problemática, nos questionamos: como se dá a relação entre professor-estudantes em uma universidade pública baiana? Qual o papel que tal relação pode desempenhar na aprendizagem dos discentes?

Para responder tais questões, realizamos uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo: conhecer as relações instituídas entre professor-estudantes do Curso de Letras Vernáculas de uma universidade pública. Na produção de dados usamos a entrevista semiestruturada, na qual dois acadêmicos do sexto e oitavo semestres do referido curso (E1 e

E2) apresentaram suas experiências e percepções em torno do tema.

Tivemos todos os cuidados éticos, inclusive a pesquisa que foi autorizada pelo parecer de número 019859/2019 do Comitê de Ética em Pesquisa.

O material gerado pelas entrevistas foi lido diversas vezes, na busca de porções de sentido que se assemelhassem e que pudessem dialogar entre si e com outros autores. Neste trabalho vamos apresentar e analisar apenas uma das dimensões: A relação entre professores e estudantes. Esta dimensão foi subdividida em duas seções: Os conflitos na relação professor-estudante e Como os estudantes se sentem na relação. Por último, apresentamos algumas considerações conclusivas.

2 A RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ESTUDANTES

Os acadêmicos entrevistados evidenciam insatisfação com a relação de distância e formalismo do docente, ao afirmar que: *“A maioria são mais reclusos, eles evitam contato com o aluno [...] em geral, eles são mais fechados, não deixam a gente chegar neles. [...] Eles nunca perguntaram como é que foi o dia de algum aluno, não perguntam se o aluno tá passando alguma dificuldade. Quando tá com algum rendimento ruim na disciplina, eles não perguntam o que é que tá havendo. Acho que é uma relação muito distante”* (E1). É notório que o discente sente falta do diálogo no contato do dia a dia. Nessa perspectiva, Souza (2016) observa que a valorização do diálogo e a busca por conhecer os universitários, a escuta sobre o que eles pensam, é fundamental para resolver conflitos e diminuir o distanciamento entre estudantes e professores.

Na visão discente, também existe uma distância entre o que se diz e o que se faz, o que dificulta a relação: *“Os professores mostram que a educação tem esse caráter transformador; humano. Eles falam tanto em solidariedade, mas quando chega em sala de aula eu não vejo isso, eu não vejo professor se aproximando dos alunos, querendo saber como é que tá a semana, se tem muita atividade acumulada, né?”* (E1). Na pesquisa de Araújo *et al.* (2014) e Cavaca *et al.* (2010) os universitários também esperam encontrar no professor coerência entre os valores defendidos e suas ações.

O estudante E2 conta que uma docente deixou marcas em sua trajetória e de seus colegas: *“A professora fazia pressão psicológica, terror psicológico com a turma. Hoje tanto eu quanto outros colegas relatam isso como uma das piores experiências da graduação em relação a professores [...] Ela costumeiramente fazia piadinhas na sala de aula, debochava dos alunos”* (E2). Em semelhança, no trabalho realizado por Andrade e Leite (2019), os acadêmicos destacaram as ameaças, imposição de medo, arrogância, incompreensão frente às dificuldades do aluno, desrespeito ao discente, uso de autoridade, dentre outras situações que, vindas dos docentes, despertaram raiva, inconformismo, insegurança, vergonha, até mesmo vontade de abandonar o curso.

No caso do nosso estudo, o estudante E2 expressou seu sentimento diante da experiência com a postura da professora: *“Apesar de ter sofrido muitas pressões psicológicas na universidade por conta dos prazos, enfim... essa foi uma das minhas piores experiências que me levou ao banheiro pra eu chorar mesmo, porque eu desabei naquele momento. Foi um episódio marcante pra mim (e pra outros alunos também, pelo que eu tenho conhecimento deles, dividindo experiências). Eu acho que apesar de terem alunos com perfis diversos na minha turma, nenhum, espero que aja como ela agiu, entendeu? Botando tanta pressão e sem necessidade. Acho que isso marca nossa trajetória acadêmica de uma forma muito negativa, e a aprendizagem também”* (E2).

Quanto às suas vivências positivas, o estudante E2 diz que *“A maioria dos professores*

a gente teve uma relação boa, amigável [...]”. Além disso, evidencia como é importante sentir a atenção do docente, citando aqueles afetivos: *“Eu até destaco alguns professores (a maioria da área de literatura) que te olham como ser humano, professores que chegam assim: O que é que tá acontecendo? Por que você não tá se entrosando muito? Eles não estão preocupados só em formar o profissional, mas eles estão preocupados em formar o cidadão! Então, isso me impactou de forma extremamente positiva”* (E2). Os participantes do estudo de Andrade e Leite (2019) destacaram situações que interferem positivamente na aprendizagem: demonstração de entusiasmo docente, acreditar no potencial do aluno, boa relação interpessoal, motivação e valorização do aluno pois lhes provocaram bem-estar, motivação, sensação de liberdade para aprender, vontade de desenvolver melhor suas atividades e se relacionar com o professor e colegas, sentimento de gratidão e respeito pelo professor.

Nossos sujeitos também revelam vivências positivas. O estudante E2 cita uma docente que diante do mau desempenho da turma, contornou a situação de forma acolhedora: *“Eu percebi que ela via que a aprendizagem não dependia só dela, mas é de todo um conjunto, de todo um trabalho em grupo, entende? Então isso pra mim teve impacto muito positivo e é um exemplo pra mim, de docente”* (E2). Segundo os estudantes pesquisados por Souza e Ribeiro (2017), o professor flexível constrói com os estudantes uma relação de respeito e reciprocidade e busca soluções conjuntas para os problemas que surgem na sala de aula. E ainda, na opinião de Viana e Silva (2017), a construção de uma relação afetiva, democrática e colaborativa, cujo poder de decisão e ação parte do compartilhamento entre docentes e discentes, cria condições para um ambiente favorável à construção, significação e ressignificação dos conhecimentos.

2.1 Os conflitos na relação professor-estudante

Ficou evidente nas narrativas dos sujeitos, que conflitos podem ser provocados quando se mantém a ideia da extrema superioridade do docente em relação aos alunos. Nas palavras do estudante E1: *“O conflito mais acirrado foi em relação a um professor estrangeiro. Por ele ser de fora tem uma visão que nós somos inferiores a ele. Ai teve essa discussão na sala de aula ao ponto de um aluno deixar parecer que ele fosse... como se fosse um colonizador. Ai o professor se sentiu ofendido, mas no final das contas tudo deu certo. Ninguém exaltou os ânimos, mas eu sei que aqui de vez em quando rola umas perseguições por parte de professores com alunos, né?”* (E1). Assim, percebemos que muitas vezes os conflitos podem ser gerados a partir de uma visão equivocada que se tem sobre o professor, reforçando, portanto, a importância do diálogo no sentido de auxiliar o docente no conhecimento de seus alunos, de suas inseguranças, opiniões, medos, expectativas, de forma que possa direcionar o trabalho e, principalmente, mediar a aprendizagem (SILVA, 2009), além de facilitar na condução de conflitos. Destacamos, ainda, a relevância da postura flexível do professor nesse processo, pois as relações de respeito e amizade podem ser facilmente fragilizadas devido à ausência de flexibilidade.

O estudante E1 ainda reforça que: *“Já vi um conflito em sala de aula. Nunca aconteceu comigo, mas eu já presenciei. Mas foi um conflito mais de ideologia política”*. E continua: *“O professor pensa uma coisa, outro aluno pensa outra coisa, mas no final das contas todos se entendem”* (E1). Diante disso, compreendemos que é comum a ocorrência de conflitos, já que existe a diversidade de pensamento, mas reforçamos o papel mediador do docente na condução de situações que ocorrem no cotidiano da sala de aula. A esse respeito, Souza e Ribeiro (2017) aludem que a falta de mediação e de liderança do professor gera nos acadêmicos a percepção de distanciamento do profissional em relação a um de seus cruciais papéis que é gerir conflitos.

Já o discente E2 frisa apenas conflitos da coletividade estudantil: *“Se fosse fazer uma avaliação geral da relação entre professor-aluno e aluno-aluno, é tranquila. Não tem muito atrito, não tem muito conflito. Foi mais aquele atrito de primeiro semestre, segundo, mas logo todo mundo viu suas afinidades com seus colegas e meio que se dividiu a turma, mas sempre mantendo no geral uma relação respeitosa.”* (E2). Através das conversações em grupo se constrói o consenso, e na medida em que se entendem de maneira amistosa e serena, os estudantes podem aprender (SOUZA, 2016), além de que o professor precisa auxiliar os estudantes, identificar suas necessidades, praticando e estimulando o respeito mútuo, a fim de atingir equilíbrio na resolução de seus problemas pessoais e coletivos.

2.2 Como os estudantes se sentem na relação

Pelos relatos, notamos que o acadêmico sente uma certa pressão por conta da cobrança de conteúdos, como vimos nas palavras do estudante: *“Tem alguns professores que dificultam mesmo a permanência do aluno, cobrando muita coisa, mas são raros, não são todos, não”* (E1). E ainda, segundo ele, acontecem situações em que são cobrados conteúdos além do que foi trabalhado em aula: *“Eles não apresentam a disciplina, quando chega na prova querem cobrar coisas que não deram, aí a gente acaba recorrendo a livros de nível médio pra trazer coisas que eles nem deram em sala de aula. Teve um professor que não deu essa abordagem toda didática, assim da disciplina, veio com um livro teórico enorme, afastando todo mundo, e eu tive um colega meu que saiu justamente por causa disso, por causa desse livro enorme. Ele viu que a disciplina não seria bem ministrada, aí ele desistiu, porque ele achou que ia ser bem densa, não ia ser nada daquilo que ele tava pensando”* (E1). De igual modo, na investigação de Almeida (2007) um estudante relatou que precisou recorrer a livros de ensino médio para compreender conteúdos tidos como básicos do curso, já que muitas vezes os docentes não estão disponíveis para tirar dúvidas daqueles que não têm base.

Quanto às disciplinas, a relação estabelecida com os professores pode influenciar o interesse do discente pelos componentes curriculares. Ribeiro (2010) evidencia que as disciplinas ministradas por docentes que conseguem manter uma relação melhor com os estudantes, são mais apreciadas pelos discentes. Contrariamente, experiências com autoritarismo e indiferença de docentes acabaram desencadeando mal-estar e exclusão de disciplinas na pesquisa de Andrade e Leite (2019).

Nesse sentido, um dos participantes da nossa pesquisa declara que *“Nem adianta se a disciplina for uma disciplina fácil, e tem um professor carrasco, de cara fechada, que é mal educado, chato. Ninguém vai querer saber se a disciplina é fácil ou não, a gente vai ficar assistindo a aula todo desgostoso”* (E1). Além disso, há destaque para a desistência ou adiamento de disciplinas por parte daqueles que não conseguem se adaptar ao perfil de professores que têm e suas exigências. Quando eles desistem, fica a ideia que o estudante não quer nada, como podemos observar no seguinte excerto: *“Tem aluno que não quer nada, aí vai no começo da disciplina acha que vai ser difícil e acaba largando no meio do caminho”* (E1). Já o estudante E2 destaca que colegas permaneciam em uma determinada disciplina, no entanto, sentiam medo de possíveis repressões: *“Eu gostava da disciplina, mas tinha pessoas na minha turma que queriam aprender a disciplina na tora, à força, mas não porque queriam aprender. Era... simplesmente pra não ser chamado a atenção, entende? Pra ela não olhar torto e ficar perguntando coisas e ficar constrangendo por não saber responder, entende?”* (E2). Para Cavaca *et al.* (2010) chamar atenção dos alunos frente a outras pessoas reflete de modo negativo na autoestima e na aprendizagem deles.

Na opinião discente, além de problemas de ordem pessoal, que não são levados em consideração pelos docentes, acaba ocorrendo uma sobrecarga em torno das atividades, das

datas de entrega de trabalhos, realização de provas e seminários, como verificamos nesse excerto: “*Eu já passei, assim, um sufoco em relação à quantidade de trabalhos pra fazer porque tem vez que fica acumulado muito no meio pro fim do semestre e eles não fazem uma divisão entre eles mesmos e parece que eles não sentam e discutem: ‘Oh, a gente vai deixar essa semana pra tais professores pra fazer tais atividades’.* Parece que eles pegam e marcam de qualquer jeito e no final se chocar, chocou. Eu acho que essa falta de organização até entre eles, dificulta a nossa saúde mental aqui dentro da universidade, que acho que eles nem ligam pra isso, acham que a gente tem que aceitar tudo que eles dão” (E1).

Encontramos semelhança entre tais narrativas com o que foi concluído no estudo de Souza e Ribeiro (2017), que um dos fatores observados como indesejável nos professores é a falta de conhecimento acerca das condições psicológicas dos estudantes.

Para o discente entrevistado, a coincidência de atividades dificulta a concentração nas aulas, visto que: “*Tem dias que você tem duas apresentações em um mesmo dia. Tem dia que a professora tá dando uma aula de um assunto importante pra uma prova, mas depois você tem uma prova ou tem uma apresentação, aí você não consegue nem prestar atenção*” (E1). Para os entrevistados por Souza (2016), um dos sentidos da afetividade é a sensibilidade e a prática da escuta sensível do docente, especialmente ao perceber que algo está diferente com o discente, lhe indagando sobre o que ocorreu. Assim, a prática da empatia pode auxiliar a reflexão sobre melhores formas de condução do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou certo grau de insatisfação por parte dos estudantes no que diz respeito à relação de distanciamento e de formalismo do docente, à incongruência entre o que ele diz e suas atitudes, à pressão psicológica no momento dos exames. Mas, de modo geral, a relação não é marcada pelo conflito, a não ser em face ao autoritarismo do docente, ou por questões ideológicas. Mas, diante das cobranças dos docentes, da quantidade de trabalhos e provas e do conflito entre as atividades das disciplinas, muitos estudantes desistem. Outros apresentam algum nível de estresse.

Concluimos que os universitários valorizam uma relação dialógica e empática, sentem falta da proximidade e da atenção por parte dos professores em relação a seus problemas, o que sugere uma reflexão por parte dos docentes, a fim de humanizar a sua prática e conduzi-la a serviço da aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Cad. CRH**, v.20, n.49, p.35-46, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-4979200700010000&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- ANDRADE, Ana Kalyne Batista Barros de; LEITE, Maria Dulcicleide Braga. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem em contexto universitário. **Rev. Mult. Psic.** v.13, n. 46. p. 58-84, 2019. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile/1869/2852&ved=2ahUKEwj2PebkcHqAhV3JlAOvVaw3ecr7e5T981OiEkG4HXg1m>>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- ARAÚJO, Marcos Vinicius de *et al.* Motivação para o aprendizado em estudantes de graduação em Psicologia. **Psicol. teor. prat.** São Paulo, v.16, n.2, p.185-198, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872014000200016&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jul. 2020.

CAVACA, Aline Guio *et al.* A relação professor-aluno no ensino da Odontologia na Universidade Federal do Espírito Santo. **Trab. Educ. Saúde**. v.8, n.2, p.305-318, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462010000200008&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2020.

ESPÍRITO SANTO, Eniel do; LUZ, Luiz Carlos Sacramento da. Didática no ensino superior: perspectivas e desafios. **Saberes**, Natal, v.1, n.8, p.58-72, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/saberes/article/download/2201/3366/&ved=2ahUKEwiYkrnT-IvqAhX1HLkGHY05BtAQFjAOegQIBhAB&usg=AOvVaw2g3zrZeO9C_gb-7Kk1-cxS>. Acesso em: 18 jun. 2020.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. **Estud. psicol.** Campinas, v.27, n.3, p.403-412, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300012&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2020.

SILVA, Luzelucia Ribeiro da. **A relação professor-aluno no ensino superior**. Monografia (Especialização em Docência do Ensino Superior) - Universidade Cândido Mendes. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/43620.pdf&ved=2ahUK>. Acesso em: 06 jul. 2020.

SOARES, A. B. *et al.* Relações interpessoais na universidade: o que pensam estudantes da graduação em psicologia? **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v.7, n.1, p.56-76, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100005&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jun. 2020.

SOUZA, Cleudinete Ferreira dos Santos. **Relação afetiva entre professores e estudantes do ensino superior: sentidos, desafios e possibilidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016. Disponível em: <<https://tede2.uefs.br/8080/handle/tede/383>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

SOUZA, Cleudinete Ferreira dos Santos; RIBEIRO, Marinalva Lopes. Representações de práticas docentes que afetam negativamente estudantes de Engenharia Civil. **Plures Humanidades**. v.18, n.1, p. 158-176, 2017. Disponível em: <<http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/download/284/236&ved=2ahUKEwj9r>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá; SILVA, Edileuza Fernandes da. A aula na educação superior: desafios e perspectivas na atualidade. **Revista de Administração Educacional**, Recife, v.1, n.1, p.67-80, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/download/23121/18844&ved=2ahUKEwiQ5rffnMHAdCrFdL6Sk1ks9EZ8>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

Palavras-chave: Relação aluno docente; Educação Superior; Afetividade; Educação para o diálogo